

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Os Livros Esquecidos de Nina Rodrigues¹

Mariza Corrêa²

Departamento de Antropologia da UNICAMP

Mais conhecido pelos livros *Os Africanos no Brasil* e *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, ambos re-editados quatro ou cinco vezes, Raimundo Nina Rodrigues publicou durante sua vida vários outros livros que só tiveram edição local e nunca foram re-editados. Além de seus esforços para constituir uma bibliografia brasileira básica sobre Medicina Legal – nos numerosos artigos que publicou na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina* da Bahia, em seu *Manual de autópsia médico-legal* e em *A Medicina Legal no Brasil* - nos últimos anos de sua vida Nina Rodrigues estava dedicado à defesa dos alienados baianos e publicou um volume sobre a situação deles: *A assistência médico-legal aos alienados no Estado da Bahia*.

Além disso, *O alienado no direito civil brasileiro*, *O animismo fetichista dos negros bahianos* e *Collectividades anormaes*, editados ou re-editados por Arthur Ramos nos anos 1930, também não foram mais publicados, sendo conhecidos quase que só dos especialistas. Some-se a essa lista vários artigos publicados apenas em francês e outros esquecidos nas gazetas médicas e temos o estranho caso de um autor famoso com a maior parte de sua obra quase desconhecida e inacessível. O marco do centenário de sua morte pode ser uma boa ocasião para rememormos algumas dessas obras esquecidas também há mais de cem anos.

Uma palavra, se você me permite, sobre a idéia de progresso. Concebemos o tempo como uma linha irreversível, cortada ou contínua, o que importa, de aquisições e de invenções. Vamos de generalizações a descobertas, de modo que deixamos para trás, como a nuvem de tinta das lulas, um rastro de erros enfim corrigidos. Ufa! Chegamos finalmente à verdade. Jamais se poderá demonstrar se essa idéia do tempo é falsa ou verdadeira. Mas não posso me impedir de pensar que ela equivale a esses esquemas antigos, dos quais rimos hoje, que situavam a Terra no centro do mundo, ou nossa galáxia no centro do universo, para que nosso narcisismo fosse satisfeito. Assim como no espaço nós nos situamos no centro, no umbigo das coisas

e do universo, assim, para o tempo, pelo progresso, estamos sempre no cume, na ponta, na extrema perfeição do desenvolvimento. Assim, temos sempre razão, pelo simples, banal e ingênuo motivo de vivermos o tempo presente. .. Esse esquema nos permite ter, de maneira permanente (sim, de maneira permanente, já que o presente é sempre a última palavra do tempo e da verdade; de maneira permanente, eis um belo paradoxo para uma teoria da evolução histórica) não só razão, como a melhor das razões possíveis. Ora, é preciso sempre, creio eu, desconfiar de alguém ou de uma teoria que tem sempre razão: não é plausível, não é provável.

Michel Serres³

Gostaria de começar com duas observações que julgo que podem ser pertinentes à nossa discussão aqui hoje: a primeira, que diz respeito à ambigüidade de Nina Rodrigues em relação às questões raciais, e que sei que vai ser abordada por todos os componentes desta mesa, parte de uma suposição, sugerida por um dos familiares de Nina Rodrigues que entrevistei em São Luiz, há muitos anos – a de que ele era descendente de judeus fugidos da Península Ibérica na época da perseguição aos judeus. Isso, se comprovado, daria um novo matiz às acusações de racismo em seus textos. A segunda observação, que se relaciona com a primeira, diz respeito às reiteradas observações em seus textos tanto sobre as vantagens da administração laica, sobre a religiosa, na administração de asilos e hospitais, como à equiparação feita, em diversos textos, particularmente no *Animismo fetichista*, entre as atitudes dos pais e mães de santo e os líderes da igreja católica, em várias situações, ambos os coletivos sendo vistos como igualmente ‘fetichistas’ pelo médico. Isto é, que alguns de seus comentários céticos em certas passagens das análises das religiões afro-brasileiras, deveriam ser postas no contexto de suas observações, também céticas, sobre a religião em geral.

Dito isso, gostaria de falar sobre os livros esquecidos de Nina Rodrigues, começando por uma citação de Michel Serres. Serres, filósofo e historiador da ciência, falando da visão que, na história da ciência, opõe o passado, como obsoleto e superado, ao presente, como único detentor da razão, define

¹ Trabalho apresentado na mesa-redonda O centenário da morte de Raymundo Nina Rodrigues: uma avaliação crítica, na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Goiânia, em junho de 2006. Os outros participantes do evento foram: Lilia Schwarcz (coordenadora), Peter Fry e Yvonne Maggie.

² Endereço para correspondência: Rua Emília Paiva Meira, 77, apto.21, Cambuí - 13025-040, Campinas, SP, Brasil. E-mail: mariza@uol.com.br.

³ Michel Serres, *Luzes*. Cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo:Unimarco Editora, 1999.

como sua tarefa a de “lutar contra o esquecimento”, já que “ignorar o passado[nos] expõe com frequência ao risco de repeti-lo”. Contra essa anulação reiterada do passado, que considera um preconceito, Serres propõe a ressurreição de textos mortos, sugerindo que muitas partes de textos científicos esquecidos, que podem dialogar com as descobertas das ciências contemporâneas, foram enterradas junto com as partes que são consideradas ‘superadas’ – e são assim desconhecidas dos cientistas de hoje.

No caso de Raimundo Nina Rodrigues, foi provavelmente a constatação de seu racismo, racismo que era o do seu tempo, o que fez com que fossem reiteradamente re-editados os textos nos quais esse racismo pode ser re-afirmado e esquecidos os textos nos quais, talvez, possamos encontrar ecos para outras questões contemporâneas. Ao fazer uma (breve) listagem das obras de Nina Rodrigues, constato que quase todos os seus textos, com uma exceção, estão fora de mercado há muito, muito tempo, em alguns casos, há mais de um século: temos aqui, então, um raro caso de um autor famoso com a obra quase inacessível ao público, o que não só deixa a tarefa de leitura crítica de sua obra nas mãos de poucos especialistas, que o lêem em cópias xerox, como também contribui para a divulgação de um perfil monolítico de um autor tão multifacetado⁴.

Começo com um exemplo muito simples: foi justamente utilizando artigos esquecidos de Nina Rodrigues, em jornais diários e revistas médicas, que Ronaldo Ribeiro Jacobina e Fernando Martins de Carvalho escreveram um belo artigo sobre ele como epidemiologista, apontando a campanha feita por ele nos jornais baianos, em 1904, quando uma epidemia de beribéri matou quase a metade da população do Asilo São João de Deus: como resultado dessa campanha, os loucos restantes, entre os quais havia muitos negros, foram poupados da mesma sorte⁵. Os autores apontam para o pioneirismo do diagnóstico de Nina Rodrigues no campo da epidemiologia, mostrando como ele se afastava dos diagnósticos comuns na época e se aproximava dos diagnósticos contemporâneos. Tal posicionamento, feito contra a corrente na época, foi possível a partir de sua pesquisa de campo para analisar as causas da doença. É um artigo cuja leitura recomendo e que expressa à perfeição a observação de Michel Serres sobre os livros esquecidos dos cientistas do passado.

Gostaria de sugerir que vários dos textos dos quais vou tratar aqui podem ser analisados tanto da perspectiva de

questões atuais, seja das disciplinas específicas às quais podem ser filiados, quanto de uma perspectiva da história das ciências. Os artigos médicos publicados por ele são muito numerosos (cerca de 60) para serem tratados aqui – só vou citar os seus livros - mas convém lembrar que vários deles abordam a questão sanitária, na mesma época em que essa questão tornou-se central para a medicina brasileira, na virada do século 19 para o 20, e que desde a publicação de seu primeiro artigo, quando ainda vivia no Maranhão, a questão da saúde pública é a tônica de seus artigos publicados em jornais diários, cujo levantamento não foi feito de maneira completa até hoje⁶. Toda uma faceta do trabalho de Nina Rodrigues, que me esforcei por pelo menos apontar em outro trabalho – como sanitaria, como especialista em saúde pública- está assim à espera de pesquisadores.

Sigo aqui apenas a cronologia das suas publicações em livro, ou de artigos que pela extensão e densidade poderiam tornar-se livros, e inicio a lista pelo primeiro livro publicado por Nina Rodrigues: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, editado em 1894, em Salvador. O livro, que é um conjunto de suas lições de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, até a data de publicação, foi muito discutido pelos juristas no âmbito do debate sobre o projeto de um novo código penal então em andamento. Um dos autores de um substitutivo ao projeto, o jurista João Vieira, levou em conta suas considerações a respeito da precocidade do brasileiro em matéria criminal. Certamente uma discussão deste livro hoje nos ajudaria a não esquecer, e, portanto, a não repeti-la nos debates contemporâneos, uma tradição no pensamento social brasileiro que vê os jovens de nosso país como precocemente amadurecidos. O livro foi re-editado mais três vezes, a última edição sendo de 1957, pela Livraria Progresso editora, em Salvador (o que por si só merece registro, sendo essa uma editora comunista), em 1957, isto é há quase cinquenta anos atrás. Creio que Peter Fry e Lilia Schwarcz vão falar mais sobre esse livro.

Seu segundo livro, também editado em Salvador, em 1900, saiu em francês: *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*. O livro foi composto a partir de vários artigos publicados, em português, na *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro, desde 1896. A segunda edição, incorporando as alterações feitas na versão francesa, com prefácio e notas de Arthur Ramos, é de 1935, pela Editora Civilização Brasileira do Rio de Janeiro. Há uma versão na internet, no endereço

⁴ Para uma análise crítica mais aprofundada de sua atuação e produção, ver Mariza Corrêa, *As ilusões da liberdade*. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001 (2ª edição) originalmente uma tese de doutorado defendida em 1982.

⁵ Ronaldo Ribeiro Jacobina e Fernando Martins de Carvalho, Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia 1897-1904. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* VIII (1), 2001.

⁶ Ver Luiz de Castro Santos, As origens da reforma sanitária e da modernização conservadora na Bahia durante a primeira república, *Dados* 41(3), artigo no qual o autor aponta “uma vigorosa resistência da parte de um *establishment* médico conservador” como uma das razões de iniciativas de Nina Rodrigues e de outros médicos não terem resultado na aplicação de medidas sanitárias que já estavam vigorando em outros estados, como São Paulo e o Rio de Janeiro. A consequência desse descaso com a saúde pública foram várias epidemias: de varíola, peste bubônica, febre amarela, além de doenças endêmicas que matavam muito, como a malária e a tuberculose, entre outras.

www.dtremel.hpg.ig.com.br/bibliovirtu/ninarodrigues.htm e sei que a professora Yvonne Maggie está preparando uma nova edição, cotejando as três edições anteriores. De todo modo, a edição em papel disponível hoje para os pesquisadores tem mais de setenta anos. Creio que Yvonne vai falar um pouco desse livro e de sua importância para os estudos sobre as religiões afro-brasileiras. Acho que ele é importante também por mostrar as ambigüidades de um pesquisador que, ao mesmo tempo que adere ao 'racismo científico' de sua época, tem uma enorme empatia pelos sujeitos pesquisados, empatia que, aliás, aparece também em *Os africanos no Brasil*. Breves vinhetas ao longo desse livro, mostram o antropólogo inscrito no médico que se queria um observador objetivo da cena religiosa dos negros, mas que ficava quatro horas no frio da madrugada, esperando que baixasse o santo em Olímpia, ou que observava os lindos efeitos coloridos de uma pedra ritual mergulhada numa mistura de cera. Nesse mesmo ano, 1900, Nina Rodrigues publicou, no *Jornal do Comércio*, o primeiro dos artigos, que saíram nesse e em outros jornais até 1905, e que iriam compor o livro *Os africanos no Brasil*.

Em 1901, Nina Rodrigues publicou dois livros, um, o *Manual de autópsia médico-legal* (Reis & Comp., Salvador), provavelmente o primeiro manual desse tipo a ser publicado em português, o outro, *O alienado no direito civil brasileiro*. Apontamentos ao projeto de código civil (Prudêncio de Carvalho, editor, Salvador), que inaugura sua preocupação com a situação dos loucos no país, e que foi re-editado por Afrânio Peixoto pela editora Guanabara, do Rio, sem data de publicação, mas provavelmente de 1933. Outro livro há mais de setenta anos fora de circulação. A miserável condição dos alienados no país, tanto nas situações de institucionalização, como nas de negação de seus direitos humanos é aqui retratada com vigor e não creio que tenha mudado muito nesses setenta anos. Já o *Manual* está inacessível há mais de cem anos.

Na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, da qual Nina Rodrigues foi um dos editores e animadores, e que começou a ser editada em 1902, Nina Rodrigues publicou vários artigos de medicina-legal que, reunidos, dariam um livro. Uma dessas compilações foi feita pelo próprio autor, que publicou *A medicina legal no Brasil*, pela Typographia Bahiana de Cincinnato Melchiades, em Salvador, em 1905, com prefácio de Alcântara Machado. Nunca re-editado como livro, o conjunto desses artigos está também há mais de cem anos fora de circulação. Mas é com o artigo de 305 páginas,

que saiu na *Revista* e depois como livro - *A assistência médico-legal aos alienados no estado da Bahia* - pela Typografia Bahiana de Salvador, um ano antes de sua morte, que Nina Rodrigues encerra sua carreira. Outro livro fora do alcance dos pesquisadores há mais de cem anos. O livro é uma contundente apreciação sobre o modo como os alienados são tratados no estado da Bahia e inclui a análise sobre o escândalo da epidemia de beribéri que causou a morte de quase metade dos asilados no ano anterior. É também uma minuciosa análise de como a burocracia médica e a burocracia política tem historicamente entravado a implantação da saúde pública neste país.

O livro mais conhecido de Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, foi publicado postumamente, pela primeira vez em 1933. Os artigos que o compõem foram publicados desde 1900. Já está na oitava edição (Editora da UnB, 2004) e é o livro mais citado de nosso autor - e o único de fato acessível ao público leitor contemporâneo. Resta ainda mencionar um livro que Nina Rodrigues não alcançou ver, mas que tinha planejado, e que foi publicado por Arthur Ramos em 1939 - *Collectividades anormaes* - conjunto de alguns artigos escritos desde a juventude (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A.) e duas brochuras. A primeira, *Liberdade profissional em medicina*, publicada em 1899, em São Paulo, reproduz uma aula inaugural sobre este tema, inscrito na Constituição brasileira e interpretado pelos positivistas como livre exercício da profissão de médico, e a segunda, em francês, uma extensa monografia sobre uma pequena cidade do interior da Bahia, que nunca saiu em português - *Métissage, dégénérescence et crime (Archives d'Anthropologie Criminelle)*, também de 1899.

Não creio que seja necessário esboçar aqui uma conclusão, mas creio que é importante observar que tratei, de maneira breve, de um escândalo epistemológico de grandes proporções na história das ciências sociais no Brasil: um dos autores obrigatoriamente citado quando se trata de analisar as chamadas relações afro-brasileiras no país, é também o estranho caso de um pensador famoso cuja obra é praticamente desconhecida de grande parte dos pesquisadores brasileiros, e quase inacessível a eles, não só aos que se interessam por essas relações como também àqueles que se interessam pela história do sanitarismo, da saúde pública, dos códigos civil e penal, ou pela história da loucura no nosso país. Um autor famoso com um único livro nas nossas estantes.